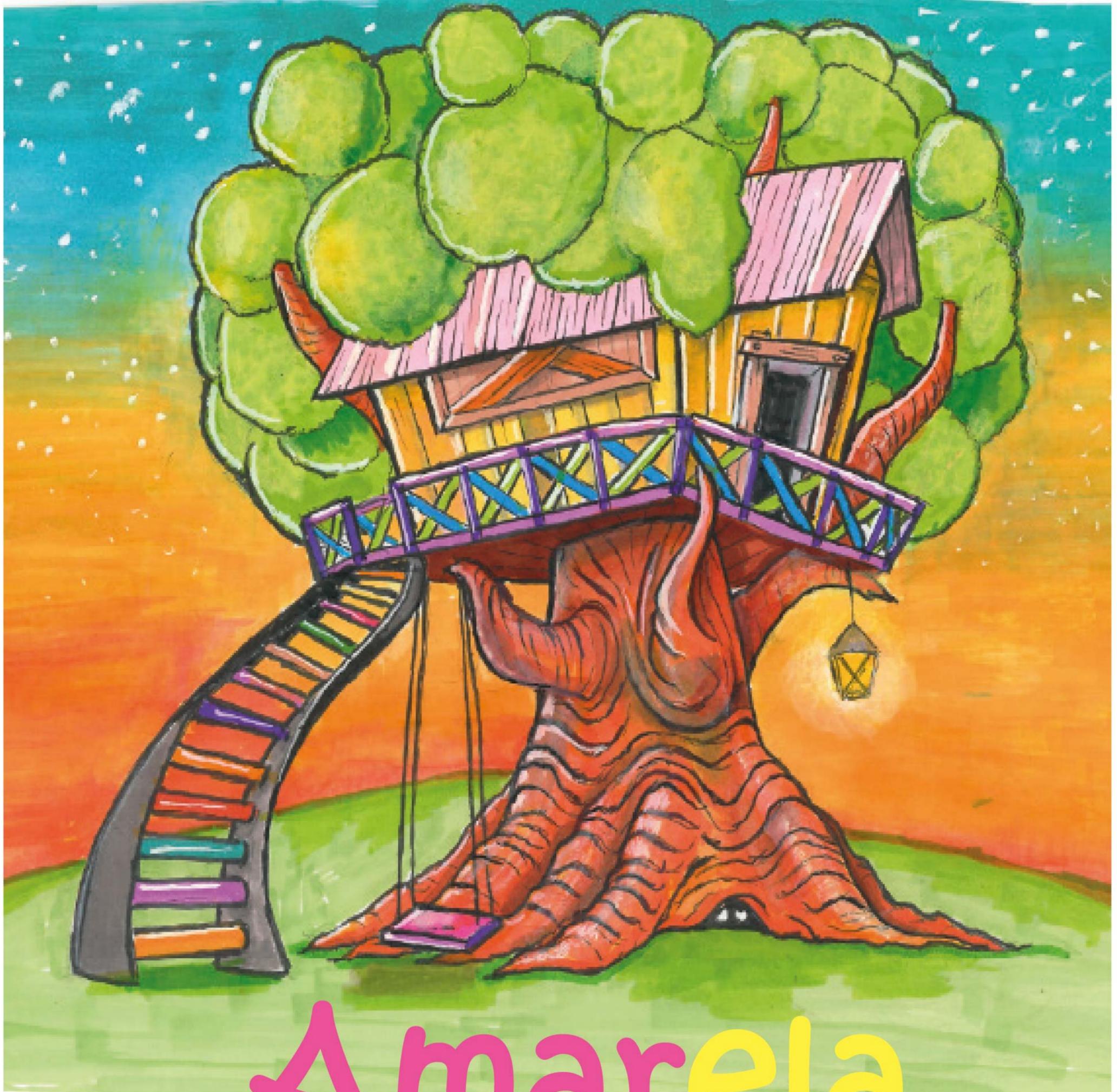


Severo Garcia



Amaréla

Severo García

Amar-ela

Revisão: Carolina Nova Cruz e Michelle Nobrega Garcia

Curadoria: Sabrina Leal Pscheidt/ Bruna Mascarenhas Santos

Diagramação: Thayse Hingst/Severo Garcia

Capa: Severo Garcia

Imagem de Capa: Luna Lorenzo Finotti

Ilustrações: Luna Lorenzo Finotti (coloridas) e Sabrina Leal Pscheidt (preto e branco)

G216a Garcia, Severo
Amarela / Severo Garcia. – 1ª ed. – Araranguá :
edição do autor, 2021.
48 p. : il. color. ; 20 cm.

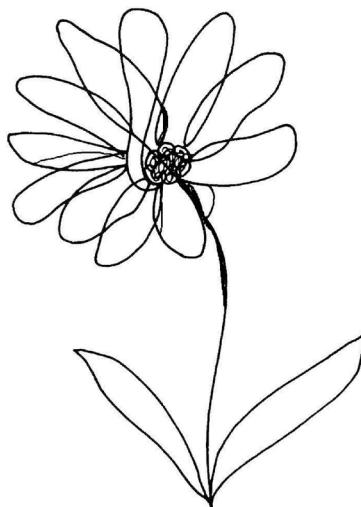
ISBN 978-65-00-14774-2

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD: B869
CDU: 869.0(81)

Ficha catalográfica elaborada por Thayse Hingst | CRB-14/1376

© de Severo Garcia Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida – sob qualquer forma ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.



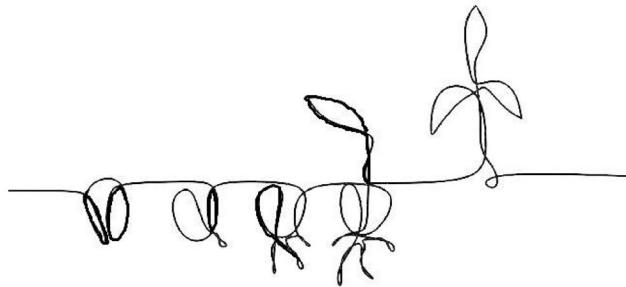
para María Luíza

...ístó

ría

ístó é...

ría!



Branco e preto

O branco foi retirado do convívio com as cores.

O branco não risca, não aparece, nem pinta.

Distante dos outros, o branco ficou triste.

As outras cores rapidamente esqueceram sua presença, com exceção do preto.

O preto foi o único que falou da importância do branco, sabia que todos juntos era o que mais valia.

No início, as outras cores não queriam.

O preto insistiu.

Disse que nenhuma cor é feliz sozinha.

As cores se reuniram.

Discutiram e, por fim, aceitaram que o branco voltaria.

Sob uma condição: jamais deixar uma linha em branco.

A menina cor de rosa

Ela ainda não sabia, mas era diferente.

Era uma menina cor de rosa, naquele planeta colorido.

Um dia falou para seu pai que queria trocar de cor.

Ser igual às outras crianças.

Ela sonhava em ser invisível.

Ele sonhava em ver sua filha feliz.

Em frente a uma escola, as crianças brincavam com a mesma cor.

Ela e ele andaram por todo canto...

Mas a cor não muda só porque se quer.

Ela era única...

Abraçou seu pai e pediu para voltar para casa.

Era ímpar naquele planeta.

A aranha e o caracol

Era uma vez uma aranha que vivia dentro da casca de um caracol.

Era uma aranha medrosa.

Diferente das outras, resolveu morar dentro de uma casca. Segura e protegida.

Um dia, na beira da lagoa, uma menina procurando caracóis mudou tudo.

A menina pegou a *casa-caracole* e tomou um susto quando achou a aranha.

Foram cada uma para um lado.

A menina correu para casa.

A aranha correu sem saber para onde ir.

E a casca voltou para a lagoa.

O cupim e a jacarandá

Um cupim, muito especial, vivia feliz com sua família em uma madeireira.

Ainda pequeno descobriu que tinha asas e podia voar. Voava pra lá e pra cá. Porém, num dia, tudo mudou.

Um vento forte o arrastou para longe. Ele acordou ao pé de uma enorme e velha jacarandá.

Os cupins e as árvores nunca conversam, pois as árvores sabem que os cupins podem fazer-lhes mal.

Mas, este cupim era incomum. Diferente dos outros, resolveu conversar. Disse que sua história iria contar. Falou da alegria em descobrir suas asas até o dia em que o vento o levou para cá.

A jacarandá escutou com atenção. Diferente das outras árvores, resolveu falar. Disse nunca ter visto um cupim chorar. Foi então que falou que nela poderia morar. O cupim, sem acreditar, alertou:

- Eu posso te derrubar!

A jacarandá falou que há anos vivia sozinha. Não tinha família, nem amigos. Sentia falta de alguém com quem conversar.

- Do que adianta ver uma linda paisagem e não ter para quem contar? É uma maldição que não dá para aguentar.

Então, o cupim fez o que todo cupim faz. Arrumou sua casa para morar. Porém, diferente dos outros, contava de seus passeios e de tudo o que via ao voar.

A jacarandá, quase cega, ficava a imaginar...

Um dia, aconteceu o que já era de se esperar.

A jacarandá caiu. Era muito oco o seu tronco. Ela, em suas últimas palavras, disse:

- Meu amigo cupim, esses anos juntos preencheram a minha vida. Vou-me com alegria. E, voe pelos cantos e melodias.

Pum

O pum anda por qualquer lugar. Não tem jeito.

Anda pela rua ou calçada. O pum gosta de viver livre.

Embora, às vezes, vive apertado.

Detesta elevador ou massagem.

Seu lugar preferido é a liberdade.

É sempre julgado por andar com todo mundo.

Não interessa a idade, sexo ou realidade.

O pum é democrático.

Acredita que todo mundo pode se manifestar, seja na praça ou em casa.

O pum já arrumou muita confusão. Até já ficou envergonhado.

Uma vez ficou tão feliz que estragou um aniversário.

Ficou muito chateado. Quis consertar, mas deu tudo errado.

Começou a rir e não parou mais.

Era pum para todo lado.

Xixi

O xixi, todas as noites, aparecia...
Gostava de ficar nos lençóis e no colchão.
De tanto passear ninguém estranhava.
Em dias frios preferia os cobertores.
Até que uma noite, ela resolveu conversar com ele.
De madrugada e sem barulho fizeram um acordo.
Depois, levantou da cama e foi até o banheiro.
Deu adeus e ele nunca mais apareceu.

O menino nu

Ele nasceu nu.

Vivia semínu.

Tinha oito anos. Todos com o “*não!*”.

Ele era um menino nu.

Duvidava de tudo. Ninguém nunca traduzia. Ele não sabia explicar.

Viver nesse mundo de roupa era duro.

O corpo é nu!

Ele dizia para todo mundo.

Mãe ansiava. Pai vigiava. Família julgava. Vizinho reprovava.

Ele não ligava. Ninguém sabia o nome dele.

Todo mundo chamava de “*menino nu*”.

Ele ria, não importava. O sonho era viver nu.

Mas, o mundo é cheio de vestuário.

Tudo é hábito e contrário.

Roupa e endumentário.

Crescido des-cobriu...

Nosso amigo monstro

Nosso amigo nasceu malvado e velho.
Ele era terrível, mas agora é bonzinho.

Nosso amigo cresceu verde e bravo.
Ele era triste, mas agora tem a gente.

Nosso amigo mudou de cor e pensamento.
Ele era teimoso, mas agora brinca sem fim.

Nosso amigo morreu feliz e brincalhão.
Ele era sozinho, mas agora vive em todos um pouquinho.

Histórias sonoras

Meio tam-tam, o acordeom soprou um vento quase inaudível.

Parecia de férias.

Talvez porque acordou ao meio dia ou porque não queria ensaiar.

Resolveu contar uma história para crianças pequenas.

Dessas que gostam de colorir livros.

A primeira parte era incompreensível.

Algo feito para todos, exceto crianças pequenas.

Como um instrumento conta histórias?

A resposta, geralmente, fica perto da pergunta.

Neste caso, a história era cheia de notas.

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

Uma língua sonora, colorida e repleta de sustenidos.

Espere!

Essa história não é para quem toca, mas sim para quem lê.

São as crianças pequenas que sabem contar histórias.

Os adultos só sabem ler e escrever.

Em alguns casos, precisam até de desenhos.

Como se desenha um som?

Talvez um sopro ou qualquer coisa que se sente e não se vê.

Neste momento, o acordeom volta a tocar.

A música ressoa.

A história continua...

A sombra e ele

Um dia deixaram de se ver.
A sombra foi para um lado. Ele para outro.
Tudo parecia normal, mas não ficou igual.
A sombra escondia-se nos cantos. Ele corria no vento.
A sombra fugia da luz. Ele não olhava para baixo.
Numa noite nada ficou como antes.
Ela aprendeu a brilhar. Ele sentiu um vazio.
Ela conheceu outras. Ele fechou-se no escuro.
Ela brincou com as formas. Ele viu a solidão.
Anos passaram...
A sombra, cansada de tudo, lembrou dele.
Ele virou outro. Mas ela o reconheceu.
Ele deixou de olhar para o chão. A sorte foi o sol ter virado de direção.
Ela e ele se olharam e voltaram a viver.

O Pedro e a Pedra

Pedro tinha medo de virar Pedra.
Pedro pensava que ser Pedra era ruim.
Mas...

- *Para que serve a Pedra?*
- *Para empurrar!* Dizia seu pai.
- *Para brincar!* Dizia sua mãe.

Pedro sabia que a Pedra não faz o que ele faz.
Assim como ele não faz o que ela faz.
Mas...

- *Para que serve o Pedro?*
- *Para mandar!* Dizia o pai.
- *Para brincar!* Dizia a mãe.

Respondeu:

- Não vou ficar parado. Vou ser igual a ela.

Camaleão vermelho

Ele é vermelho.

Sim, um camaleão vermelho.

Enquanto em sua família todos mudam de cor, *ele não*.

No passado, sua vida era como uma bússola perdida.

A família dizia que a vida é meio sem direção.

Com o tempo, entendeu o quanto é difícil ter uma cor.

Enquanto a família se ajusta, *ele não*.

Ao seu redor todos sabem por onde anda e o que faz.

Ele não se esconde de qualquer cor.

Aprendeu a fazer as coisas diferente, pois o vermelho não é indiferente.

Ele vê o mundo com outro colorido.

Enquanto todos querem sossego, *ele não*.

Assim, seguiu vermelho.

A lua e o sol

Houve um dia especial...

Quando tudo ficou diferente, nada igual.

A lua e o sol trocaram de lugar.

Ele-noite. Ela-dia.

A lua brilhava, enquanto o sol dormia.

O sol mostrava, enquanto a lua escondia.

No fim, eles entenderam:

o melhor lugar é a simetria.

O vento e o mar

Eles moravam no alto de um morro.

Ela conversava com o vento.

Ele, com o mar.

Um dia caiu uma chuva forte e secular.
Parecia que a casa não iria aguentar.

Ela fechou os olhos...
pediu ao vento proteger seu lar

Em uma caverna, esperaram a tormenta passar.

Ele fechou os olhos...
pediu para o mar tirar eles de lá.

Eles fecharam os olhos...

pediram para voltar

onde sabiam amar.

Alagoa e o pescador

Ela um dia secou.
Ele encontrou o fundo.
Voltou, mas sumiu.
Ela sem água.
Ele vazio.

Boa noite

A menina sem nome vivia em histórias sem fim...

Usava qualquer roupa e desaparecia.

Ninguém percebia.

Ela desconhecia o conhecido...

Era tudo novo de novo.

Ela esquecia, nem rosto tinha.

Nascia e morria.

E nem sabia.

Ela sumia e aparecia,

todos os dias,

alegando quem dormia.

A barata e o pote

Era uma vez uma barata...

Sonhava em viver dentro de um pote de açúcar.

Passava o dia alimentando-se de restos e farelos que caíam
no chão.

Nutria uma esperança vã.

Até que um dia o açúcar acabou...

O pote ficou vazio.

Deixou de lado o sonho.

Foi viver outra fantasia.

Os olhos são cegos

Era uma vez um menino...

Nasceu com olhos cegos.

Só enxergava a imaginação.

No início tudo parecia escuro, mas ele não sabia. Claro!

Foi difícil aprender no mundo de quem pensa que vê.

Os números e as letras parecem pesadelos.

Com o tempo, inventou suas palavras e imagens.

Tudo outro.

O menino cresceu e criou um vocabulário.

Escreveu suas próprias histórias.

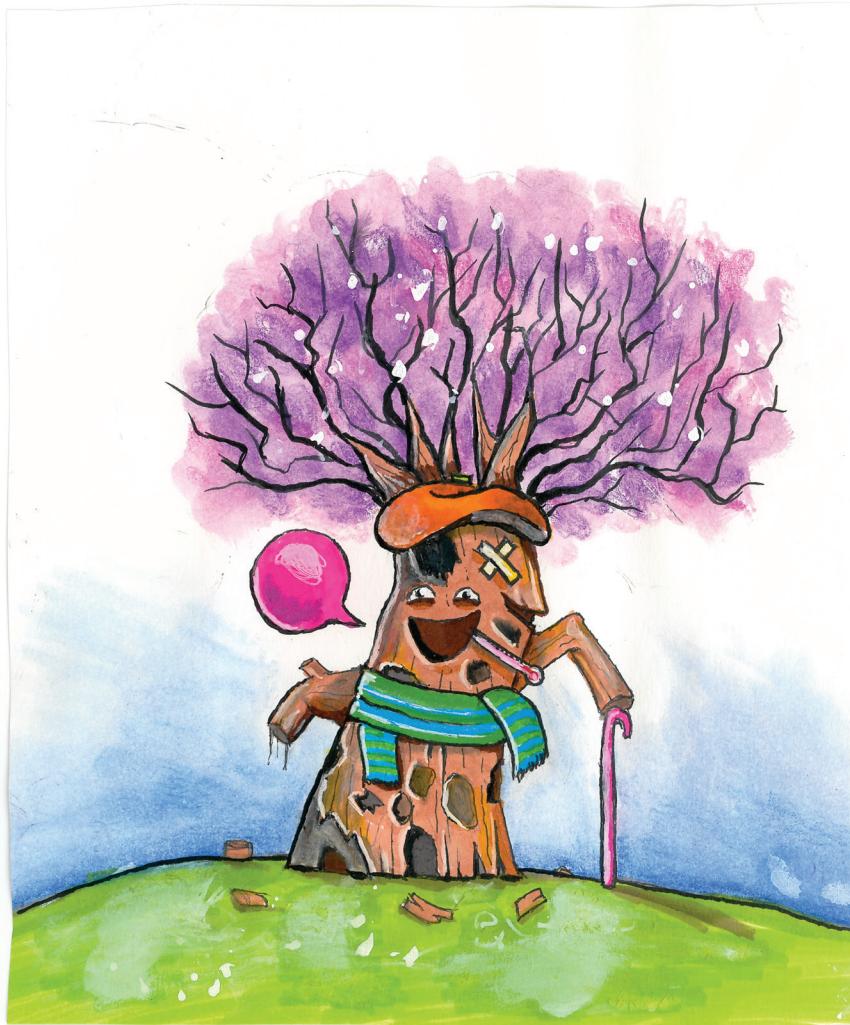
Era um menino-herói, no mundo de quem descobre.

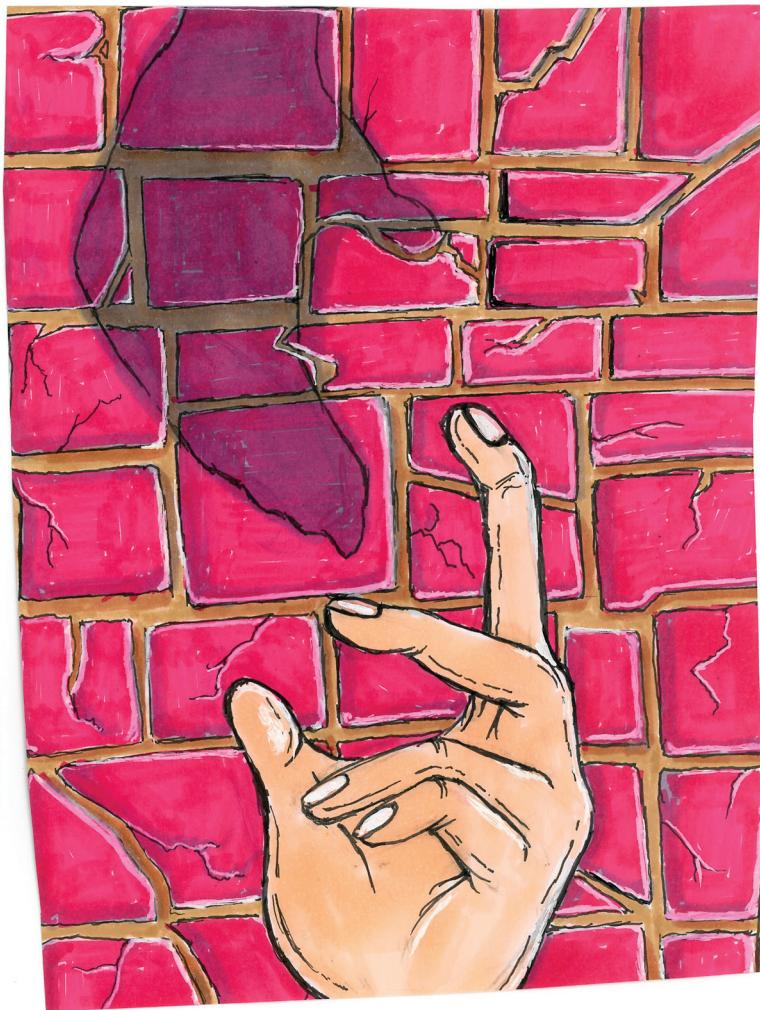
Ele via o que ninguém mais queria.

Mundos e histórias para quem quisesse ver.

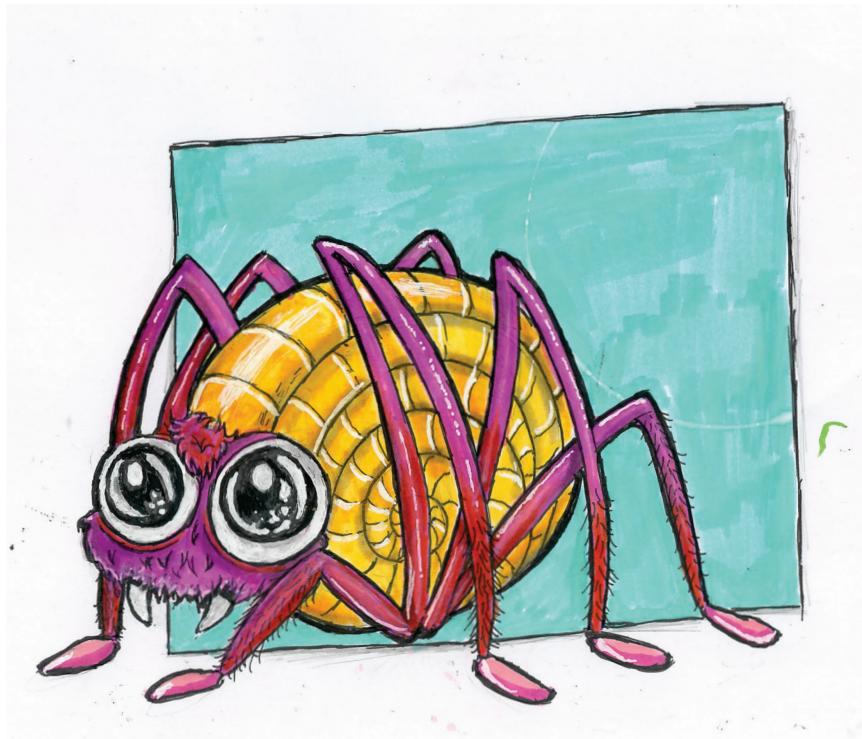
















A vaca voa

- Fiz uma história...
- Qual o nome?
- "Amor e solidão".

(Silêncio)

- Você sabe o que é solidão?

- Sim!

- É uma vaca enorme que não tem teta...

- Voa no meio da noite... É presa!

- Voa com as asas presas...

Semente na barriga

(Escurecimento no quarto. Quase dormindo, recebo um convite).

- *Pai, como você colocou a semente na barriga da mamãe?*

(Como quem procura uma luz, uma vela ou qualquer sinal de fumaça, organizo meus pensamentos repetindo a pergunta em voz alta).

- *Como coloquei a semente na barriga da mamãe?*

- *Sim!*

- *Bom...*

- *Conta! Conta!*

(Em estado de grande euforia, como se o sono e as histórias tivessem feito um acordo, ela parece ter guardado “a” pergunta do dia. As perguntas do dia nascem à noite).

(Ela repete a pergunta. Eu, atraído pelo labirinto das respostas vagas, furtivamente escolho outra pergunta).

- *Por que você quer saber?*

- *Porque sim!*

(Reformulo a pergunta).

- *Para que você quer saber isso?*

(Impacientemente, responde como quem lida com um tolo).

- *Quero saber se nasci por causa do “papai do céu” ou da “varinha mágica”.*

(Em uma consulta rápida escolhi a “varinha”. Eu estava procurando algum tipo de coerência. Fiquei mais aliviado. Tinha uma pista para onde ir).

- *Tá pai! Mas conta... como colocou a semente dentro da barriga da mamãe?*

(A beleza do notívago é aceitar o que é parcial. Assim, falei o óbvio).

- *Coloquei com amor.*

(Indignada e insatisfeita com minha resposta, parece interessada em olhar como quem usa um microscópio para investigar uma semente).

- *Mas, COMO, PAIIIIII?*

(Luz! Lembrei da nossa tarde no quintal).

- *Como as sementes que plantamos. Elas crescem na terra. Viram flores e frutos. Mas não vemos. Só enxergamos depois que saem da terra.*

(Silêncio. Penso qual será o próximo passo. Ela nada fala. Eu não sei para onde ir. Ao que parece, chegamos ao fim deste capítulo antes que o sono viesse. Qual será a próxima pergunta? Talvez alguma outra pergunta a se perguntar).

Post-scriptum

- *Paí, qual era a cor da semente?*

- *A semente era cor de arco-íris, filha.*

- *Que bom!*

A fadinha

(Acordou)

Era uma vez uma fadinha.
Ela adorava comer maçãzinhas.

Fimmmmmmm.

(Peraí! Só isso?)

Ela voltou...
Comeu a sobremesa de maracujá.
Depois disse que não queria dormir.

Fimmmmmmm.

(Voltou a dormir...)

Bicho sem nome

- *Paí, existe um bicho sem nome?*

(Silêncio)

Ensaio uma resposta.

- *Sím! Encorajo-me a dizer.*

- *Os bichos que não nasceram ainda não tem nome.*

(Silêncio)

“*Acerte!*” a resposta?

...prefiro pensar que *sím.*

Cabra cega

- *Paí, como os cegos enxergam?*

Respondi como se soubesse:

- *Com a mão, o pé, o nariz e a boca.*

- *Como assim?*

Atrevido, respondo:

- *Eles enxergam de outro jeito.*

Insatisfeita, diz:

- *Mas, eles ficam com os olhos abertos?*

Digo:

- *Sim, alguns.*

Ela, ávida, interroga:

- *Por quê?*

Eu, andando no escuro, afirmo:

- *Para não dormir.*

Surpresa, indaga:

- *Os cegos têm medo de acordar?*

Titubeando, sentencio:

- *Não, eles vivem na escuridão sem medo. Eles vêem outras coisas.*

Ela não perde tempo:

- *Quais?*

(Silêncio)

Preziosamente, falo:

- *Eles enxergam aquilo que muitos deixam de ver.*

Para sepultar a brincadeira, profere a última pergunta:

- *Paí, porque tem pessoas que nascem cegas?*

Eu só consigo dizer:

- *Para ajudar quem enxerga.*



Pa

(ría)

ternidade

Histórias inventadas

Ela ama histórias inventadas. Principalmente, histórias sem fim.

Dorme com elas.

Não importa como iniciam contanto que não terminem.

Ela adormece no meio.

Nunca sabe o final do que começa.

Espera histórias com reviravoltas, algo inusitado ou mágico.

Qualquer coisa para um outro ponto de partida.

Tem gosto por histórias sem pé nem cabeça, nomes reais e pessoas imaginárias.

O que mais vale são as histórias inacabadas.

Embora as histórias acabem, ela prefere dormir no conforto do sem fim.

Está interessada no que desconhece.

O fim é uma invenção para começar...

Toda a noite é dia da mesma história sem fim.

Aprendi com ela que as histórias inventadas, de qualquer lugar, de qualquer tempo, são presentes do dia escritos à noite.

E
s
p
e
l
h
o

Em casa tenho um grande espelho: minha filha!
Reflete tudo.

Som, silêncio e movimento...

Espelho que não esconde os erros e as incoerências.

Também vê gestos e contornos coloridos.

Meu espelho procura imperfeições e dá gargalhada dos tropeços.

É passado, presente e futuro.

Ter em casa um espelho é um privilégio...

Ilumina o caminho do que ainda não existe.

Crescente

Ando para lá e para cá à procura de algo que não sei o nome. Espero uma mensagem chegar, sem saber o que virá.

Sigo a minha sombra e busco pouco pelo espelho. Deixo a barba e o cabelo crescer para esconder a face. Não se trata de vergonha ou timidez, mas de vontade de ver a solidão e o silêncio da minha morada, embora, paradoxalmente, o mesmo isolamento e sossego me levam a esperar algo dentro de mim.

Nasci há muito tempo atrás. Contudo, carrego a sensação que somente agora cresço e, ao mesmo tempo, morro. Não me entristece esse sentimento, pelo contrário, consigo ter a plena consciência de que estou vivendo, isto mesmo, no *gerúndio*.

No tempo pregresso, vivia. Sabia que um dia morreria, mas essa ideia era tão distante que volta e meia me esquecia. Seguia uma linha, usando tudo como guia.

Um dia ganhei um presente: uma filha.

Aí muita coisa mudou: verbo e narrativa. Ela me convidou, sem palavras, a tornar-me um outro na vida. Pouco a pouco, com sofrimento e alegria, fui trocando de espelho.

Todo dia, uma nova pergunta nascia. Eu procurava uma saída e ela ajudava a desistir. Desistir do que não convinha, dos objetos que me distraíam, das conversas que não rendiam. Ela era um lembrete do que valia.

Hoje, ela cresce, eu envelheço. Assim é a vida... Assim, o tempo muda.

Agora, quando não estou com ela, espero uma mensagem, ando para lá e para cá meio à deriva, à procura dela que mora dentro de mim.

Números

Um dia ensinei minha filha a escrever os números.
Eles estão em todos os lugares e línguas, literalmente.
Não são muitos, eu sei! Porém, com eles se chega ao infinito (dizem!).

Anotei em palavras esses números para não esquecer desse dia.

Tenho medo de que minha memória, no futuro, falhe. Por isso, no presente, apego-me ao passado para sustentar o futuro.

Nesse dia, vi a alegria crescer.

Escrever é abrir portas infinitas, sem números.

Contudo, não foi fácil! Treinamos muito.

Às vezes, seguir é mais difícil do que parar.

Sim, erramos muitas vezes...

Mas sei que devagarinho os números podem mudar a vida.

No final, peguei o nosso troféu e emoldurei na geladeira. Ela é a galeria de troféus. Guardo todos com carinho.

Agora, ela poderá somar amizades, dividir momentos, multiplicar sorrisos e subtrair tristezas. Conversar sobre tudo e divagar sobre o nada.

Tudo e nada ensinam...

Felicidade

A felicidade é cheia de erros.
Não é início, nem fim, é metade.
Ainda bem!

A felicidade é porta estandarte.
Há quem compare com a solidão.
Não é verdade!

A felicidade é sem idade.
Criança ri sem maldade,
idoso chora sem vaidade.

A felicidade é detalhe.
Se encontra nos bolsos
embaralha os fatos.

A felicidade é genuína.
Troca de roupa ao acaso e
põe a casa do avesso.

Mãos dadas

Ela pede minha mão para dormir.

[Eu seguro, como quem não sabe soltar].

Ela adormece com histórias inventadas.

[Eu já não sei mais o que contar].

Ela sonha no escuro.

[Eu penso em sonhar].

Ela ensina a paciência.

[Eu aprendo a ensinar].

Ela deixa de molhar a cama.

[Eu acordo para ela dormir].

Como as crianças crescem?

Se pudesse resumir esse ano, poderia afirmar duas coisas: fui pai e escrevi.

Acredito que na primeira consegui alcançar bons vôos.

María cresce e eu não sei como explicar. Não há, por hora, uma metáfora que me satisfaça. Nada, nem o dia, nem uma árvore, traduz como a María cresce.

Eu, pai, escuto, banho, corto unha, conto histórias, gravo sua voz e guardo seus retratos.

Nada especial!

Ela, filha, ri alto, pula corda, solta pum, dá beijo molhado e chama por mim.

Especial demais!

Esse ano, fiquei em casa. Não sei se mais do que queria ou porque deveria...

De qualquer maneira, olhei para nós com a lupa do tempo.

Juntos, vejo dois crescendo. Embora, claro, eu grisalho e com dor no joelho.

Ela corre, sobe em árvore e balança alto.

É incrível como as crianças crescem. A gente olha, olha, olha e, só às vezes, vê.

Depende do dia, da hora ou da vez.

Uma semana, às vezes, é um mês.

María cresce. Eu, pouco sei.

Tento olhar com atenção, mas confesso que muitas vezes somente à noite, enquanto ela dorme, consigo perceber e escrever o que cresce par.

Amaría

A María ría...
todo día
de histórias coloridas,
papéis amassados
e apelidos.

A María ama rima...
Até vovô com peníco.

A María ría...
todo día,
pura melodía,
e, se não fosse amar, o que mais sería?

Só amaría...



María é agridoce.
Severo é insosso.
María bagunça.
Severo arruma.
María, ainda bem!
Severo, passar bem!
María é poesia...
...meio sem fim.

Feliz de quem tem dentro de si alguém para amar...

“Amarela”

...um registro, uma memória, uma invenção, uma ficção,
uma narrativa intimista e colorida.

Encontro de dois - um par -
afetados um pelo outro.

Esta história é fruto de uma necessidade invisível de amar.

